

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.499

Domingo, 14 de Outubro de 1923

PREÇO — 20 CE ITAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de impressão—Rua da Atalaya, 114 e 115

A BATALHA publicará depois de amanhã mais revelações sensacionais acerca do barco russo que está no Tejo

ESTÁ EM LISBOA UM NAVIO DA RÚSSIA SOVIETISTA

A BATALHA que conseguiu descobri-lo envia a bordo o seu «reporter» que colhe sensacionais impressões.— Desenha-se a traços leves a vida a bordo do primeiro barco sovietaista que se aventura a atravessar o Atlântico— Diz-se das opiniões agradáveis que a tripulação vermelha possui acerca das autoridades marítimas do nosso país

A manhã de ontem surgiu chuvosa, tristonha e lamacenta. Para quem está habituado à luminosidade intensa da península e ainda há pouco soprou, quasi assustado, sob o peso formidável dum calor de formosa e quente comparsa, a manhã assim é causa duma melancolia profunda que nos mergulha a alma em pressões terríficas, que nos obriga a olhar as cousas e os homens através das lentes negras dos filósofos pessimistas.

Quando um amigo nosso, daqueles que andam sempre no segredo dos Deuses nos disse ao ouvido, ali no Chiado, que se encontrava no Tejo um navio russo, encolhemos os ombros indiferentes, com se a entrada dum barco sovietaista no nosso porto fosse tão natural como a chegada dum vapor holandês carregado de carvão. Encolhemos os ombros, deixando um pouco despondido o nosso confidente, e seguimos caminho absortos na tristeza de viver.

Uma história que vem a propósito

OS leitores conhecem o *Mundarin* do Eça de Queiroz, esse ironista fino que tam bem estudou a alma humana? Um burocrata modesto que não tinha ambições, que se habituara a viver com uns míseros cobres mensais, escassos, esticados, medidos estritamente para as despesas da pensão e dos colarinhos de seda, compra um dia, na Feira da Lapa, um velho alfarrábio para a sua leitura de entreter à noite até chegar o sono. Num desses serões pacatos de leitura solenista, o nosso empregado público lê um conselheiro diabólico a páginas tantas.

Queres ser imensamente rico? — pergunta-lhe o velho livro no tom mais natural deste mundo — faz tilintar essa campainha que tens aí a teu lado e morrerá na China uma poderosa mandarina que te legará toda a sua fortuna.

O nosso burocrata, tímido, medroso, incrédulo quiz passar à outra página sem ligar importância àquela passagem tão estranha do velho livro misterioso. Como não perante o nosso confidente encolheu os ombros num gesto de indiferença. Mas, de súbito a pergunta diabólica tentadora, começou a bailar-lhe no cérebro. O homem hesitou, meditou, mediu as responsabilidades do crime praticado duma maneira tão simples.

plês. A abundância, a grandeza, a felicidade que uma fortuna de cento e tantos mil contos lhe poderia proporcionar decidiram-o. E o empregado público teve um momento de audácia—premiu o botão da campainha e deixou-se sossegado. Meses passados, quando tudo havia esquecido, a riqueza entrou-lhe pela porta dentro, de surpresa, ruidosa, magnânima. O mandarin tinha realmente morrido.

Também a confiança daquele nosso amigo principiou a bailar no nosso cérebro, como a ante-visão da fortuna no espírito do empregado público. Antegostamos as delícias duma reportagem sensacional. E como o leitor do velho livro que premiava a campainha, nós, saindo bruscamente da apatia, desatámos a correr, sob a chuva implacável, até à margem do Tejo. O navio russo lá estava, a bandeira vermelha tremulando no mastro.

Um temporal que nos deixa indiferentes

SIMPLESMENTE aterrado o temporal de ontem, o vento impetuoso ameaçava elevar-nos no ar, como uma bola leve de algodão, como uma cousa insignificante que uma força invisível e infernal manejasse à vontade. As ondas altas e sucessivas invadiam o gasolima e agitavam-no num bailado perigoso.

Mas nós esquecemos o perigo. Os olhos fitos ao longe, o corpo hirtos, encharcado pela chuva, tínhamos a impressão de que aquela curta viagem pelo rio era mais demorada do que uma peregrinação em torno do mundo.

Estávamos perto. O navio é pequeno, discreto, passa quasi despercebido no estuário largo. Já lhe distinguimos o nome — o «Kyljeff». Cabeças de marinheiros, olhares tristes e desconfiados assomaram à amurada. Um cabo arremessado do nosso gazolina fragil descreveu uma parábola no horizonte pardacento e tempestuoso. A atracagem era difícil. A curiosidade de uns, porém, uma agilidade de palhaços, alguns saltos de arriscado equilíbrio levaram-nos, costado acima, e entrámos no tombadilho do primeiro navio bolchevista que visitou Portugal.

Um sarilho de idiomas—A dor de não se compreender

FOMOS rodeados por marinheiros que nos olhavam, curiosos, fiamos para

exteriorizar em meia dúzia de berros, acompanhados de gesticulação abundante e meridional, a nossa satisfação, a nossa profunda alegria de nos encontrarmos entre gente amiga, mas, lembramos-nos subitamente de que não conhecíamos uma única palavra russa e quedámo-nos hesitantes. Depois falámos em francês—e ninguém nos compreendeu. Ensiámos timidamente o inglês—e nada. Experimentámos o alemão—resultado nulo. Atirámos quatro palavras em mau castelhano—e as palavras esvaíram-se no vento tempestuoso, sem acordar o eco duma resposta.

Corrido o teclado dos nossos conhecimentos de poliglota, num gesto, acompanhado dum sorriso acolhedor convidámo-nos a penetrar num dos corredores. Lá dentro, vieram ao nosso encontro mais caras tristonhas de russos — os russos são tristes e tem os olhos sonhadores — espreitando-nos interessados.

Eram muitos agora. Perguntámos em inglês pelo capitão e, com alegria notámos, que um homem alto, esguio, rosto simpático, se nos dirigia vivamente em inglês mal pronunciado:

—Do you speak english?

Foram chamar o capitão. Entreolhámo-nos sorridentes, conversando com os olhos desejosos de dizer o que a boca não sabia. Presentiram em nós os camaradas. Puxámos dum exemplar de *A Batalha* e explicámos em inglês que éramos redactores do jornal operário. Veiu a confiança, estabeleceram-se os lábios os sorrisos benévolos e sentimo-nos irmãos.

Quem é o capitão—O seu contentamento por receber-nos

O capitão, o camarada Saenko, cheagou. É um indivíduo alto, forte, meia idade, o rosto todo rapado, cabelo louro cortado à escovinha que nos dá, à primeira vista, impressão de calvície. Veste como os marinheiros—nem melhor, nem pior. Sorri poucas vezes, mas quando sorri inspira confiança. Não fala sendo russo. Por isso convidou-nos por mimica a descer à sala de jantar. Descemos a escada íngreme.

O navio é modesto e velho. Tem 64 anos—e cabelos brancos... Entretanto está limpo.

Em baixo na sala de jantar alguns



Preparando a comemoração do 1.º de Maio, a bordo do «Kyljeff», em Petrogrado

marinheiros comiam sóbriamente, uma rapariga nova, bonita, olhos escuros, cabelos castanhos, elegante, garrida mesmo, a uma ponta da mesa conversava, soltando gargalhadas com gosto, nota de alegria ruidosa entre os rostos melancólicos da tripulação.

Um marinheiro de cabelo ruivo aproximou e perguntou-nos:

—Compreendes espanhol?

Foi uma surpresa agradabilíssima. Tínhamos um intérprete, e abancados conversámos.

—Sinto grande prazer—disse o capitão—em receber os representantes da *Batalha*.

E ficou muito contente de poder exteriorizar a sua satisfação.

Os russos registam com agrado a recepção das autoridades marítimas portuguesas

NÓS perguntámos mais coisas da Rússia do que eles de Portugal.

E o capitão foi incansável, como um bom papá que responde com prazer às disparatadas perguntas dos bebés, em satisfazer a nossa curiosidade.

—O período da fome—opôs ele a uma observação nossa—já passou. A Rússia possui agora trigo de sobra. Hoje existe já a super-produção. Daí a nossa necessidade de expansão.

—A vossa viagem obedeceria então...

—A essa necessidade. Vimos estudar a maneira, como somos acolhidos nos diferentes países, pretendemos reatar relações com os outros países.

—Há quanto tempo se encontram em viagem?

—Há dois meses e meio. Vimos de Petrogrado. Descemos à Dinamarca; delivemo-nos algum tempo em Hamburgo, passámos à Holanda, fomos a Brest e de Brest viemos a Lisboa.

—E onde foram melhor recebidos?

—Na Alemanha e em Lisboa. De Lisboa temos até uma impressão agradabilíssima. Em todos os portos, a polícia desconfiada passou-nos buscas rigorosas, nada ficou por revistar. Sentimo-nos pouco vexatórios. Em Brest nem sequer dentro do porto nos franquearam a entrada—ficámos ao largo. Em Lisboa, porém, procederam para conosco com a mesma gentileza usada para com as demais embarcações estrangeiras. Não nos esqueceremos da Rússia apontar o procedimento correcto dos portugueses.

Uma mulher a bordo—Uma taça de champanhe

AQUELA rapariga, que tinha um certo ar travesso no gesto de olhar intrigante. Quem seria? Que lugar exerceria a bordo? Companheira do capitão? Seria russa também?

Dirigimo-nos algumas frases em alemão. Os seus olhos iluminaram-se—ela compreendia alemão e falava-o menos mal.

Soubemos então que era a bordo a cozinheira e nada mais. Meditámos um pouco naquele à vontade, naquele ar familiar com que todos se tratavam. Entre o capitão, os marinheiros, maquinistas e a cozinheira não se presenteia menor distinção de trato.

—O seu nome?—perguntámos à simpática cozinheira, que, sendo russa, falava alemão e vestia com o gosto, com elegância, pobre embora, duma pessoa requintada. E espetando o dedito man-

dou-nos escrever, ditando letra por letra: Feodosia Felis.

Interrogámos, depois o capitão sobre a disciplina a bordo, e ele enquanto abria, com certo ar de solenidade uma garrafa de bom champanhe, foi dizendo: —Durante as horas de serviço cada um está no seu lugar. O capitão é o capitão, o maquinista é o maquinista, o marinheiro é o marinheiro. Terminado o serviço somos todos bons camaradas, simples camaradas, perfeitamente iguais.

O champanhe estalou e trocaram-se saudações.

Feodosia gosta de uvas! —Até à vista

A bordo há apenas uma pessoa que nos faz lembrar a ditadura, que nos recorda a sua existência. É o delegado da União dos Marinheiros Russos. O capitão tem o dever de consultar sempre esse delegado antes de tomar qualquer resolução.

Perguntámos qual era a situação da mulher na Rússia.

—Perfeitamente idêntica à do homem—responderam-nos. —Com os mesmos direitos e os mesmos deveres. Há mulheres oficiais de marinha.

Acabava de chegar um barco com mantimentos.

Feodosia colocou sobre a banca alguns belos cachos dourados. E quem teve vontade, comeu, sem pedir licença ao capitão, sem curvar a espinha numa solicitação reles, como nos costumamos ver nos povos civilizados.

—Feodosia gosta de uvas?

—Ja—respondeu ela, trilhando delicada os bagos saborosos.

E a nossa vontade seria ficar ali, a bordo, não voltar a Lisboa, não pensar mais na existência do sr. Viriato Lobo, nem do presidente do ministério. Ir com eles por aí fora, seguir a sua rota — Gibraltar, Alger, Malta, Smirna, Constantinopla—sumir-nos no Mar Negro e ir espreitar de perto essa Rússia Soviética que iam desencontradas opiniões provoca ainda.

Do gazolina que balouçava agitado pelo vento, inundado pela chuva, agitados saudados o lenço branco.

Do alto da ponte de comando Feodosia gritou:

—Auf wieder seen!

—Até à vista!

Mário DOMINGUES

A SITUAÇÃO DOS PRESOS

A quem exigir responsabilidades? Em face de todas as autoridades as alijarem, só o sr. António Maria da Silva tem o dever imperioso de providenciar sem demora

Em cada dia que passa, mais se vão acumulando as provas de que da parte de quem superintende os serviços da polícia há o propósito firme de sacrificar trabalhadores aos caprichos de alguém que parece manejar na sombra.

Não há provas contra os operários presos há mais de três meses; não se justificam as prisões que sucessivamente se vem fazendo; não há razão para as perseguições constantes que se verificam.

E, portanto, um crime o que se está cometendo e de que o governo é cúmplice e muito especialmente o sr. António Maria da Silva como presidente do ministério e ministro do interior.

Todas as autoridades se desculpam e alijam responsabilidades. Não dizem, porém, quem há de providenciar, mais parecendo que se vive «sem rei nem roque» porque ninguém das autoridades indica a quem se devem pedir contas.

E enquanto esses cavalheiros que tudo mandam neste país se empurram uns contra os outros, desculpando-se clinicamente, os operários presos vão sofrendo as torturas duma detenção prolongada, adquirindo doenças e fazendo sofrer as famílias.

Quem manda, afinal, neste país?

A quem se devem pedir responsabilidades do que se passa?

Indubitavelmente só o sr. António Maria da Silva tem de dar uma satisfação formal e categórica, em virtude de os seus subordinados afirmarem que não tem responsabilidades nas prisões que se tem efectuado nem dizerem nada sobre a situação dos presos que precisa ser esclarecida quanto antes, por que é um crime o que se vem praticando.

Mas o sr. António Maria da Silva, desaparece, eclipsa-se. Marca conferências a comissões que pretendem tratar do assunto e torna-se invisível, escapa-se, como se os rumores do seu procedimento anti-humano o perseguissem constantemente, como se as vozes lágrima, saídas do fundo das casacas, do desorientem, e as lágrimas das mães, das companheiras e dos filhos dos presos lhes caíssem escaldantes sobre o coração empedregado!

O sr. António Maria da Silva, se o país lhe exigir a declaração dos motivos por que mantém presos há mais de três meses dezenas de operários, não o pode fazer, vê-se embaralhado para justificar tamanha arbitrariedade,

por que as prisões efectuaram-se por um simples capricho.

Porém, toda a gente honesta, todos os homens de coração, todo o país, enfim, tem o direito de exigir responsabilidades ao sr. António Maria da Silva do crime que se vem praticando contra os operários presos. O presidente do ministério tem o dever de aclarar a situação desses presos que permanecem à sua ordem em São Julião da Barra e no governo civil. Ou ponha-os em liberdade ou entregue-os aos tribunais!

Concretizemos os factos para justificar a razão destes comentários. A comissão que vem tratando da situação dos presos de São Julião da Barra e governo civil e dos ferroviários também presos, procurou mais uma vez ontem o governador civil que era o dr. sr. Clemente Gomes no impedimento do sr. Viriato Lobo, já dissemos ontem o que se passou e que se resume nisto: aquela entidade andava às aranhas, expressão sua. Acrescentou, porém, que convidara o sr. Plínio Silva, director dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, para o orientar, devendo a entrevista efectuar-se à noite. O dr. sr. Clemente Gomes esperou-o até à uma hora da madrugada e o ditador Plínio não se dignou aparecer!

Ora o ditador Plínio é quem manda prender os ferroviários, sem ter a coragem de assumir a responsabilidade dos seus actos, e para justificar mais a sua atitude de despota não compareceu a dar contas do seu procedimento e as autoridades deixam correr...

Como o sr. Viriato Lobo estivesse no seu gabinete, a comissão foi procurá-lo para saber da situação de todos os presos. Aquele senhor declarou muito perentoriamente que já não tratava de presos, pois tinha abandonado a direcção da polícia de segurança do Estado.

Pez-lhe sentir a comissão que precisava saber a quem se havia de dirigir, porquanto agora a situação era mais difícil que anteriormente, instando para que, antes de sair, definisse a situação dos presos.

O sr. Viriato Lobo continuou a afirmar que não quer assumir responsabilidades que a outros cabem. Diz ter procurado o ministro do interior para obter qual a atitude a tomar sobre os presos de S. Julião da Barra e ferroviários, mas aquela entidade não se en- contra em Lisboa. Acrescentou: que

anda tudo à maltraca e ninguém assume a responsabilidade do que faz.

Nestas circunstâncias, sacudindo todos a água do capote, ninguém querendo assumir responsabilidades, desprende-se facilmente que alguém maneja na sombra ou então todos são culpados mas ninguém querer a ombridade de o dizer.

O que não se pode, no entanto, é continuar nesta situação; o crime que o governo, as autoridades ou quem quer que é está cometendo, não pode, não deve persistir. Todos se negam — e os operários presos é que vão sofrendo os caprichos dos criminosos que tudo mandam neste país.

Exigimos do sr. António Maria da Silva, em nome das leis e da constituição, em nome de todos os princípios de humanidade, que ponha termo a este regime de arbitrariedades.

E exigimos a quem senhor uma aclaração formal e completa porquanto é ele o único responsável como presidente do ministério e ministro do interior.

Exigimos nós e exigimos no todas as consciências suas.

Um que não espancou mas fez costas

A *Batalha* acusou os agentes Almeida «Malhado», Soares e Araújo, da P. D. de terem agredido barbaramente, selvaticamente, alguns presos. Ontem a tarde, os presos Alvaro Damas, José Gomes e José Alves dos Santos (a este já lhe foi por fim levantada a incomunicabilidade) foram chamados à presença do agente Araújo, para, na sua frente e na de *reporters* do «Século», «Diário de Notícias» e «Imprensa Nova», declararem se de facto é ou não havia agredido. Afirmaram aqueles presos que o agente Araújo não os agrediu, pois fizeram confusão de nomes, mas que assistiu, como guarda-costas, aos espancamentos de que foram vítimas diversas vezes, durante a sua longa incomunicabilidade, por parte do «Malhado» e mais quatro agentes dos quais não sabem o nome, mas que reconhecerão imediatamente se lhes apresentarem.

Foi pena que esses outros não aparecessem, embora, segundo parece, estiverem ocultos num gabinete ao lado, para os presos os reconhecerem de maneira a que os escrúpulos do agente Araújo, que não espancou mas assistiu, fossem seguidos por esses seus colegas. Era uma questão de terem dignidade

para o fazer—assumir a responsabilidade dos seus actos.

Giovanni Michaeli declarou a greve da fome

Há cerca de três meses foi preso o operário Giovanni Michaeli, não vendo até hoje definida a sua situação.

Desesperado com tal atitude, resolveu declarar a greve da fome, encontrando-se sem comer desde quinta-feira à noite. Ontem foi chamado ao sr. Marrecas Ferreira para explicar a este os motivos de tal resolução. Michaeli disse que desejava aclarar a sua situação e não comeria enquanto assim não fizessem. O sr. Marrecas disse-lhe que o seu caso dependia do consul italiano e que o obrigaria a comer de qualquer forma.

Impõe-se o dever de acabar com estas situações indefinidas.

O ferroviário João da Cruz Cebola, de quem não se sabia o paradeiro, esteve incomunicável na esquadra do Caminho Novo, tendo ontem regressado aos quartos particulares do Governo Civil.

Porque motivo esteve incomunicável aquele ferroviário?

Para os quartos particulares também foram transferidos ontem os ferroviários António Maria dos Santos, Margelino da Costa e Francisco Zorro.

A comissão que vem tratando da situação dos presos volta hoje novamente a conferenciar com o dr. sr. Clemente Gomes, que continua a substituir o sr. Viriato Lobo.

Lê na 4.ª página: Agenda de «A Batalha»

Trágica viagem em volta do mundo

NEW-YORK, 13.—Três americanos e um suíço saíram desta cidade para fazer uma viagem em redor do mundo. Dois deles morreram no caminho para o Cairo. Os dois sobreviventes, um americano e o suíço, saíram de Alexandria numa canoa, subindo o Nilo, que está em enchente, tendo naufragado e tendo o americano morrido afogado.

O PROCESSO DATO

Os condenados receberam a sentença com extraordinária tranquilidade

MADRID, 13.—Foi lida a sentença contra os processados do atentado de Dato. Pedro Mateu e Luiz Nicolau foram condenados à morte e outros absolvidos.

O defensor de Nicolau, esperava ansiosamente os dois condenados para comunicar-lhes a sentença. O sr. Bata- nero estava muito comovido. Disse que tinha dado aos processados a sua palavra de honra em como lhes diria a verdade por mais terrível que ela fosse.

Os seus chegaram sorridentes. Observaram os rostos dos circunstantes. Mateu pergunta tranquilamente:

—Já há sentença, não é verdade?

Batañero responde com um sinal de cabeça.

Tudo o que a acusação quiz?

Em seguida perguntou a sorte dos outros ao conhecido, mostrou-se satisfeito com a absolvição.

Luiz Nicolau também estava tranquilo. Pediu que comunicassem o que se passava a sua mulher, com prudência. Mateu dirigiu palavras de conforto ao advogado que se mostrava abatido. Bajatierra comovidamente chorava.

A's nove da noite o oficial sr. Aparici chega com os seis mandados de soltura.

Os absolvidos, Bajatierra, Lallave, Miranda «El Florista», Diaz, Batañlle e Delgado, andam vigiados pela polícia.

—(E.)

A ARTE E OS ARTISTAS

Uma orquestra formidável e o maior coro do mundo

LIVERPOOL, 13.—Chegou do Canadá o dr. Charles Harris o bem conhecido maestro, para organizar o maior coro do mundo, que compreenderá 10.000 cantores e uma orquestra de 500 figuras, para darem concertos em Wembley, na Exposição do Império Britânico. —(E.)

Il Congresso Nacional da Indústria do Mobiliário

Refiniu a Comissão Organizadora que «apreciou o vário expediente e tomou diversas deliberações, entre as quais a de iniciar brevemente a necessária propaganda do Congresso.

Francisco Ferrer

Realizou-se ontem uma grande sessão comemorando a morte do fundador da Escola Moderna

Conforme estava anunciada realizou-se ontem na Universidade Livre, com extraordinária concorrência, uma sessão comemorativa da morte de Ferrer, promovida pelo grupo anarquista «Cidade». Foram oradores os nossos camaradas Manuel Joaquim de Sousa, Mário Domingues e dr. Campos Lima.

A sessão que devia realizar-se na sede da Associação dos Empregados de Escritório, foi anulada à última hora, por aquela Associação não poder dispor da sua sala.

Manuel Joaquim de Sousa, afirmou ter o grupo «Clareza» procedido bem em realizar esta sessão, mas andado mal em o convidar a ele, orador, por serem escassos os seus conhecimentos sobre a obra de Ferrer.

Entrando no assunto, fez o confronto sobre a condenação à morte de Francisco Ferrer y Guardia, e a condenação de Nicolau e Pedro Mateu, afirmando haver grande semelhança na injustiça tremenda que ditou ambas as sentenças.

Ferrer—exclama o orador—foi condenado, acusado falsamente de haver sido o instigador da censura sangrenta de Barcelona.

Nicolau e Pedro Mateu, foram condenados à morte, acusados de assassinato o ditador Dato!

No decorrer de ambas as audiências foi provado à sociedade a inocência destes homens. E, contudo, eles foram condenados à pena última. Isto prova simplesmente que a reacção militarista pretende subverter tudo e todos, implantando em todo o mundo, um verdadeiro regime de terror.

Usa em seguida da palavra Mário Domingues, que faz uma longa dissertação sobre todos os problemas que, na hora presente, agitam o velho mundo.

Ferrer, além dum pedagogo ilustre era também um verdadeiro revolucionário. A sua Escola Moderna tendia ao aperfeiçoamento moral da espécie, impedindo a formação de novas tiranias. Faz um paralelo entre a ditadura burguesa e a ditadura proletária, afirmando serem ambas produto duma educação defeituosa das massas escravizadas.

A Escola Moderna, formando homens conscientes, impediria no futuro o advento de novas ditaduras, dando ao

indivíduo a absoluta independência de carácter, e integrando-o nos princípios de verdadeira liberdade.

Afirma ser a Escola de hoje um autêntico presídio donde as crianças fogem horrorizadas. Deleitosa em toda a sua complexidade, a escola ensina de facto os analfabetos a conhecer o A, B, C, mas não instrui o aluno. Este, em regra, quando sai da Escola, conhece tanto da vida prática como quando para lá entrou.

Historia uma das fases da sua mocidade escolar que confirmam as suas anteriores afirmações.

Termina lendo a seguinte moção que foi aprovada por unanimidade.

No momento em que uma ditadura militar, estúpida e criminosa como todas as ditaduras, ataca brutalmente, em Espanha, as aspirações de liberdade e de justiça, o povo de Lisboa recorda horrorizado o furibundo do grande educador popular que foi Francisco Ferrer y Guardia, e considera esse crime o mais espantoso atentado contra o espírito humano.

O povo de Lisboa considera que a reacção espanhola nunca deixou de prosseguir na senda criminosa, que está agora reforçada com a ditadura militar sem mentilidades, a qual possui o critério brutal de submeter a vida humana, tam complexa e variada, a um regime de escravidão.

A recente condenação de Pedro Mateu e Nicolau Fort deve ser considerada por todos os homens de bem como um bárbaro atentado a todos os princípios de humanidade, porquanto a própria opinião publica, reflectida na imprensa espanhola de todas as feições políticas e sociais, se recusava, sensatamente, a acreditar na culpabilidade directa dos dois homens no atentado cometido contra o ditador Dato.

As prisões em massa, de homens que defendem princípios de liberdade e de justiça, o encarceramento de sindicalistas, centros de cultura e bibliotecas dos operários, a supressão de jornais contrários à ditadura e a imposição da censura previa nos que se submetem e se calam, não pode ser julgada se não como atentado repugnante a expressão do pensamento, que não deve ser de forma alguma julgando.

Pelas razões expostas, o povo de Lisboa, reunido em sessão publica na sede da Universidade Livre, a convite do Grupo Anarquista «Clareza»:

recorda sentidamente a obra de Francisco Ferrer y Guardia, apontando-a como a mais alta expressão de humanidade; condena desasosadamente o crime cometido pela reacção espanhola, lu fundando o urante educador;

entende que a reacção espanhola deve ser combatida implacavelmente, porque pretende afogar todas as aspirações de liberdade e de justiça;

entende que a ditadura militar, que vem reforçar a obra criminosa da reacção dominante, não deve subsistir, porque os

COMO ELAS CONFRATERNIZAM

UM ALMOÇO SIGNIFICATIVO PARA GARANTIR A INTEGRIDADE DOS NEGÓCIOS!

Apesar da distância quilométrica que me separa do engenheiro Plínio Silva, sei bem completamente o que ele pensa, e em volta dele como ele próprio.

A importância dos seus gestos, a largueza dos seus raciocínios, a reticência das suas palavras, tudo, tudo até mim chega. Sei até melhor o que se passa em volta dele do que ele próprio. Por vezes Plínio Silva está no gabinete falando com pessoas que julga amigas e afinal está falando com inimigos declarados. São como as desta vida agitada de quem não vive só para si e para os seus como os pardalões que rodeiam o director do Sul e Sueste. Há dias que sei de um estranho almoço oferecido pelo inspector Joaquim Simplicio, a Plínio Silva, ao coronel Pires, chefes de serviço, etc. Não tenho querido referir-me ao caso por julgar ter havido exagero nas informações, porque considero muito grave o gesto do inspector Simplicio num momento destes. Hoje, porém, vejo confirmadas as informações e ao almoço me tenho de referir.

Que o inspector Simplicio ou qualquer outra pessoa ofereça em sua casa um almoço ou um jantar, é caso que não está nas condições de ser contestado, seja por quem for, mas que o mesmo inspector oferecesse um almoço às entidades ferroviárias e militares que estão no Barreiro no desempenho duma missão opressora, é que é caso para ser analisado pelo significado que esse oferecimento tem para os ferroviários.

Desde a greve de 30 de Setembro que os inspectores do Sul e Sueste se divorciaram do pessoal pela atitude pouco digna que tomaram durante o reinado de Raul Esteves. Sabendo-se em actos condenáveis contra o pessoal, conquistaram a antipatia daqueles que até essa data os consideravam e lhes dispensavam a sua estima.

O 19 de Outubro deu-lhes uma prova da generosidade dos perseguidos e da elevação de carácter dos que eles accusaram.

Em vez duma revanche, os ferroviários levaram a efeito uma ampla anistia moral à atitude desses homens e esquecendo o passado, voltaram a considerá-los bons amigos. Por parte dos inspectores, esvaíra a atmosfera do 7 de Outubro, é que se não registou procedimento idêntico.

Voltando a perseguir o pessoal, filiaram-se no coio de traidores que tem à sua frente um antigo e conhecido escroto e passaram, com o seu dinheiro e com o seu apoio, a auxiliar a obra repugnante de todo o fiel páli, que sem escrúpulos, se meteu a delator e traidor da classe ferroviária do Sul e Sueste. A maioria dos inspectores lançou-se na perseguição aos ferroviários sindicados e desde então para cá tem sido um nunca acabar de violências contra o pessoal.

O resultado desta atitude foi criarem uma atmosfera de ódio contra eles, que a minha propaganda ou a dos outros elementos do Sindicato não conseguiu desfazer.

Em contradio à atitude dos inspectores do Sul e Sueste, regista-se a dos inspectores do Minho e Douro, onde há verdadeiras relações de amizade com o pessoal, são em grande parte os sindicatos na União Ferroviária, possuindo a caderneta confederal onde são apostos os selos de cobrança que a Confederação Geral do Trabalho forma e que o organismo, como seu aderente. Há até um inspector, o sr. Marcelino da Silva, que tomou parte como delegado do Minho e Douro, no Congresso Ferroviário.

Em face do que se tem passado, como pode o pessoal interpretar o significado do almoço, oferecido em tão extraordinária conjuntura, pelo inspector Joaquim Simplicio, às entidades que estão levando a efeito as maiores perseguições contra os ferroviários?

Para nós, o significado do almoço não é outro senão o de aplauso ao que essas entidades estão fazendo e uma demonstração de que os inspectores pre-

seus actos demonstram claramente que eles estão fora de todo o sentimento humano por manter contra a própria humanidade. Considera-se a conduta de Plínio Silva e de Raul Esteves, e a pena capital, meta para a Espanha, em face da consciência humana, a qualidade de não civilização; saúde todos os homens que se empie a esforçadamente no resurgimento duma humanidade perfeita e livre, como Francisco Ferrer idealizou e que realizou.

Lisboa, 15 de Outubro de 1933.

Por último fala o dr. Campos Lima. Presta homenagem a Ferrer, fundador e director da Escola Moderna, que a reacção espanhola assassinou, como sendo o propulsor da semana sangrenta mas em verdade esse homicídio deve-se ao facto de ele ser um homem livre que consagrou a sua vida à educação, permitindo à criança que o seu espírito se desenvolvesse racionalmente, em conformidade com as leis da natureza.

Poucos dias antes dessa ocorrência tinha ele visitado Lisboa. Fora convidado a visitar Cintra para admirar a sua paisagem. As autoridades proibiram-no de o fazer. Alguns amigos perguntaram-lhe porque não ia a Cintra, pois ninguém lhe sabia, e Ferrer recusou-se a fazê-lo porque não queria de forma alguma comprometer-se, comprometendo também a sua obra.

Porisso Ferrer seria absolutamente incapaz de tomar parte na semana sangrenta de Barcelona.

Esprito desmoezado de preconceitos, Ferrer era simultaneamente um grande educador e um perfeito revolucionário. Educando racionalmente as crianças, preparava o advento duma Sociedade Nova, onde não fosse possível florescer a tirania.

Os anarquistas são acusados de atópicos nas suas concepções. Contudo, a ciência encontra-se de comum acordo com a filosofia anarquista.

Faz a seguir uma brilhante dissertação sobre as causas da degenerescência da espécie, afirmando que nua sociedade perfeita e racionalmente organizada, extinguir-se-iam as taras hereditárias que pervertem a espécie humana.

Termina evocando a obra gigantesca de Francisco Ferrer e Guardia, como uma das mais belas manifestações do espírito liberal do nosso tempo.

ferem que o pessoal seja violentado e perseguido. O pessoal mesmo não lhe pode dar outra interpretação. E é assim que os inspectores no Sul e Sueste se querem encher de autoridade moral perante a classe donde procedem.

O inspector Simplicio responde dignamente ao procedimento dos ferroviários em 7 de Outubro. Não mediu a gravidade do seu gesto, mas pode-se convencer que o almoço que lá dias ofereceu em sua casa, redundou num gesto gravíssimo contra o pessoal.

Plínio Silva aceitou o oferecimento e certamente agradeceu com um significativo discurso, mas não se deve esquecer do que bastas vezes lhe afirmou a respeito da atitude do pessoal superior.

No momento em que a situação moral de Plínio Silva o colocou fora dos Caminhos de Ferro, haverá novos almoços aos que vierem, porque no Sul e Sueste os inspectores só tem um objectivo—manterem a sua situação e os seus privilégios, porque hoje no Sul e Sueste é raro o inspector que não negocie e que não vai aumentando os seus haveres com o resultado dos negócios que realiza, mercê da sua situação nos Caminhos de Ferro.

Certamente que não foi o simples ordenado do inspector Simplicio, que enfrentou a despeza do almoço. Este inspector, como muitos outros, está habilitado a dar os almoços ou jantares que quiserem porque a sua permanência nos Caminhos de Ferro é só para serem negociantes ou comerciantes.

Como há-de estes homens apoiar as reclamações do pessoal se eles não necessitam de aumentos de vencimentos?

Foram estes cavalheiros os melhores auxiliares de Raul Esteves e os mesmos que estão sendo os auxiliares de Plínio Silva.

Neguem isto se são capazes! Os patifes, os desordeiros, os insubordinados somos nós, que não pensamos como eles e que não negociamos.

Prolongue Plínio Silva a situação que criou, continue mantendo as prisões injustas dos ferroviários, que o resultado há-de encontrá-lo muito em breve. E tenha a certeza que não serão os inspectores que o há-de salvar.

Plínio Silva o capitão do exército, afirmou-me, anda acompanhado com dois policiais à paisana. Não acredite. Ainda faço a justiça de o não considerar covarde. Mas se assim é, deplora a situação a sua, que teme o ataque pessoal em que ninguém certamente pensou, não sendo valido a pena renunciar ao seu mandato de deputado para fazer tam desgraçada figura.

Miguel CORREA

NOTA OFICIAL

Não havendo até esta data qualquer resolução sobre os ferroviários presos, visto o governador civil de Lisboa declarar toda a responsabilidade na manutenção dessas prisões e por esse motivo o não mandar pôr em liberdade, não estando em Lisboa o ministro do Comércio nem o presidente do governo o pessoal será levado a tomar uma atitude enérgica que leve as autoridades a pôr em liberdade os camaradas presos, de contrário permanecerão eternamente no governo civil. Hoje deve novamente conferenciar com o governador civil a Comissão de demarques composta por um delegado da Federação Ferroviária, um advogado do Conselho Jurídico da C. G. T. um delegado do Sindicato do Sul e Sueste, acompanhada por um dos delegados do Conselho Jurídico da C. G. T. Além da libertação dos presos a mesma Comissão trata da abertura do Sindicato.

A fim de ser dada aos presos toda a solidariedade moral da classe, convida-se o pessoal a visitá-los hoje no governo civil das 11 às 18 horas.

Em Faro

FARO, 11.—Plínio de Rivera prossegue na odiosa perseguição aos ferroviários. Além dos delírios a que já fiz referência, que continuam sem saber de que são acusados, deram hoje entrada na esquadra de polícia mais dois camaradas, de que não consegui saber o nome e que se encontram incomunicáveis.

Basta de perseguições! Não provoquem mais a revolta no meio da classe que não pode tolerar os processos de susto que estão usando para com os presos.

Encontram-se incomunicáveis há quatro dias Manuel Martins e Rocha, de Alcanil, um calabouço infame, sem ar, sem luz, não tendo sequer uma tábua para se deitarem, nem lhes sendo fornecido alimento algum! É isto um crime a que deve pôr-se cobro quanto antes pois a sua continuação está, em especial, tornando melindroso o estado do preso Rocha, que se encontra doente. Nem sequer uma manta lhe fornecida, pelo que uma criatura de bom coração que casualmente disto soube, lhes enviou algumas de sua casa para se abrigarem. Com tam belo gesto por uns desconhecidos, contrasta o procedimento das autoridades, e do seu infame perseguidor. Persegui, encarcerai desumanamente, que justiça um dia será feita! Por mais que pretendam aniquilar a acção dos que almejam o levantamento moral e material duma classe, nunca o conseguireis.—C.

NO PORTO

O protesto dos ferroviários do Minho e Douro

PORTO, 12.—Na sede da União Ferroviária reuniram os ferroviários do Minho e Douro, sob a presidência de Mateu Ramos Vieira, tendo como secretários Carlos José da Silva Guimarães e António Pereira, da Silva. Um dos membros da comissão de demarques, acerca das emendas a introduzir na reorganização, dissertou largamente, estigmatizando o proceder daqueles que tem procurado amesquinhar a laboriosa classe ferroviária.

O secretário administrativo da U.F.V., José de Sousa Teixeira pormenorizou exuberantemente as demarques efectuadas. Adriano Monteiro, Manuel Pinheiro, Mariano Pires, Francisco Pinto,

EDEN-TEATRO
Por doença da actriz ELISA SANTOS ficou transferida para
HOJE - Domingo, 14 - HOJE
a inauguração da época de outono com a reprise de

O Chico das Pégas

Opereta em 3 actos de Eduardo Schwalbach Lucci,
Música do maestro Filipe Duarte

Classes que reclamam AS GREVES

Funcionários municipais

A comissão delegada dos funcionários do município de Lisboa, nomeada na última assembleia geral da classe, entregou ontem à noite no edifício dos Paços do Concelho, ao dr. sr. Costa Santos, que está exercendo as funções de presidente da Câmara, a moção aprovada pela mesma assembleia instando pela equiparação dos respectivos vencimentos aos do Estado.

O dr. sr. Costa Santos prometeu interceder junto da Comissão de Finanças no sentido de esta apresentar o seu parecer o mais rapidamente possível e declarou que estava convencido de que a Câmara, quer a maioria que a minoria, não deixaria de atender a situação dos empregados.

Operários da fábrica Vila-Mar Limitada

Voltaram a reunir no seu sindicato para tomar conhecimento do resultado das demarques para a obtenção do aumento de salário que vem sendo reclamado desde Maio.

A comissão relatou que, não podendo avisar-se com o gerente, foi recebida pelo guarda-livros e um representante da direcção da fábrica, os quais lhe asseguraram não poderem de momento os industriais atender a reclamação dos operários, em virtude de várias circunstâncias, entre as quais avulta a falta dum debuchador, o que muito se faz sentir, visto a fábrica ter os seus artigos exgotados e não poder apresentar ao mercado outros novos.

A assembleia, ponderando o que lhe foi exposto pela comissão, resolveu aceitar 10 % sobre os salários, com a condição de ser satisfeito o pedido de 50 % logo que se apresente oportunidade e de serem passados a outros trabalhos de jornal os empreiteiros a quem faltar a matéria prima.

Quem quer

vestir bem e barato confronta os preços do

Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de lã para fatos e vestidos.

Lá em fio para malhas.

Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor)

FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.º andar, entrada Loja da América.

Américo Martins da Costa, José da Silva e outros além de várias considerações abordam a situação, difícil em que se encontram os ferroviários do Sul e Sueste, depois que iniciaram o seu movimento de protesto, tem sofrido as mais duras e infames perseguições. As prisões de Lisboa e Faro repletas de ferroviários. Afirma que Rosa Mateus e Plínio Silva e seus acólitos pretendem irritar o pessoal para desviarem as atenções da sua má administração nos caminhos de Ferro do Estado. Insurgem-se duma maneira clara e insólita contra a especulação que estão fazendo nalguns jornais e contra os maneios da reacção.

Depois Manuel Moura, e Joaquim Vicente e outros com palavras repassadas de revolta sintetizam o espírito latente na classe, e demonstram o valor da solidariedade que o pessoal do Minho e Douro deve prestar aos seus colegas do Sul e Sueste.

Em seguida foram aprovados os seguintes documentos:

1.º Contribuir em um dia de vencimento no próximo pagamento para auxílio aos camaradas do Sul e Sueste suspensos, demitidos, presos ou perseguidos.

2.º Autorizar a direcção da União Ferroviária a adiantar 1.000\$000 por conta da qualificação do pessoal visto de momento não haver cobrança.

3.º Que seja lavrado o mais veemente protesto contra as perseguições de que estão sendo vítimas os nossos camaradas do Sul e Sueste.

4.º Que seja nomeada nesta assembleia uma comissão para instar perante o sr. governador civil, pela libertação dos seus camaradas do Sul e Sueste.

5.º Que a União Ferroviária se encontra em sessão permanente até plena libertação de todos os camaradas perseguidos.

Falaram depois Alfredo Ferreira da Silva, Carlos Guimarães, Joaquim Borges de Araújo que salientaram a necessidade do bom funcionamento da Caixa de Solidariedade Humana, em virtude da comissão actual ter pedido a demissão.

Foram nomeados para a comissão administrativa da Caixa de Solidariedade Humana: Mateus Ramos Vieira, forjado; Maximiano Pires, carpinteiro; José Pinto, maquinista. Foi resolvido também que a comissão de demarques fosse a Lisboa, levando plenos poderes da classe para reclamar, nomeando Alfredo Pereira da Silva, escrivão, para a comissão de demarques. José de Almeida Fortunato, alvitrou a nomeação duma sub-comissão para coadjuvar todos os trabalhos.

A reunião terminou aos vivos à organização ferroviária e ferroviários conscientes do Sul e Sueste.

Marítimos de longo curso

NOTA OFICIAL DO COMITÉ

Camaradas: Este comité constata com satisfação a espontaneidade com que substeis correspondem à proclamação da greve a que os armadores nos impeliram com o seu lock-out, feito a bordo de alguns navios com o intuito criminoso de nos colocar na miséria.

O que alegam os armadores para justificar o seu regulamento? Que é preciso reduzir as tripulações para defesa na Marinha Mercante Nacional e para salvação das empresas armadoras!

Se as companhias estão falidas, se lutam com dificuldades, se pensam em amarrar os seus navios, de tudo isso não somos nós os culpados, mas eles próprios com a sua péssima administração, como se demonstrou com a tam discutida frota do T. M. E.

Não recuseis sequer um passo perante a afronta desses verdadeiros piratas que se julgam em terreno conquistado ou nas suas roças em África.

É inaceitável que essas almas insensíveis, essas corações empedernidos levem dois longos meses a estudar qual o aumento de salário que deviam conceder aos marítimos de longo curso para ao cabo desse tempo chamarem a comissão de demarques e, em vez de aumento de salário, lhe apresentem o estúpido regulamento que nos impõe o trabalharmos horas sem conta em virtude da redução das tripulações.

Arruinados estão os nossos corpos, pois outra coisa não temos feito senão trabalhar para eles que, como prêmio, nos desembarcam pelo crime de trazer-mos as febres palustres de África, adquiridas nas viagens para que vamos matriculados pela irrisória quantia de 8\$60 diários!

De miséria estão os nossos filhos rodeados porque, quando regressamos dessas viagens que duram meses, a insignificante quantia que trazemos nem chega para convenientemente nos tratarmos das febres que nos depauperam.

Camaradas! confiai no vosso comité, que vos promete a vitória formal no aumento de salário, e gritai conosco: Viva a organização operária Viva a Batalha! Viva a greve dos marítimos de longo curso!—O Comité.

NOTA OFICIAL DA COMISSÃO DE DEMARQUES

Esta Comissão, fez ontem demarques a bordo de vários navios que se encontram descarregando, para se definir a situação das respectivas tripulações, ficando as mesmas aguardando as resoluções do Comité.

Mais uma vez prevenimos os camaradas com domicílio na província, de que podem retirar-se de Lisboa, devendo aguardar as resoluções publicadas em A Batalha.

A Comissão de demarques Metalúrgicos da União Térmica

Em consequência da gerência das oficinas da Cruz Quebrada, ter resolvido atender em parte às reclamações do seu pessoal e ainda consoante a um acordo estabelecido com o engenheiro sr. Cruz, retomam amanhã o trabalho, os operários da secção de fundição que estava em greve.

Em Braga

Operários Mobiliários

BRAGA, 11.—Apesar de decorridas 13 semanas continua insolável a greve dos mobiliários desta cidade. Os industriais renovaram a sua oferta do aumento de 15\$00 que não foi aceite e tem mandado dizer para os jornais do Porto, que a maioria dos operários se encontra a trabalhar, nas antigas condições. Tartufos! Se tem o pessoal já a trabalhar nessas condições para que dizem que vão admitir os operários que perante os industriais apresentem motivos ponderosos e ponderados o seu procedimento? Então não sabem porque é que os operários fizeram greve? Já é descomunal! Prometem aumentar os operários na proporção dos do Porto, faltam ignóbilmente à palavra, e ainda fingem não saber a razão do procedimento dos operários quando se em greve, após cerca de 2 meses de humilhante espera. Como as perseguições e outros «lucros» não deram resultado esperam por este processo desmoralizar os grevistas, julgando talvez, que estes são do seu estiofo, porquanto tomando compromissos de dinheiro para assim estarem seguros uns dos outros, até mesmo assim esse facto se não verificou, visto que o ridículo «lock-out» já se desfez mercê da ganância e egoísmo dos industriais.

Os grevistas continuam firmes e dispostos a vencer se bem que já se ressentam da prolongada duração da greve. Mas não julguem os industriais que eles se entregariam por esse motivo. Não. A solidariedade ainda é alguma coisa e os seus irmãos de sofrimento das outras localidades, por certo os vão auxiliar monetariamente, a fim de que os grevistas sejam coroados de êxito os seus heróicos esforços.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa—Secção de Belém. Realizando-se na próxima terça-feira uma reunião da comissão administrativa, para a competência de todos os seus componentes, bem como a da comissão de enrolamento.

TEATRO APOLO

HOJE às 21,15

Primeiro domingo

A revista de Schwalbach

O PE' DE MEIA

ENORME ÊXITO da

Companhia OTelo de CARUANO

VIDA SINDICAL

U. S. O.

Reuniram ontem a comissão administrativa, que largamente apreciou o movimento grevista das classes marítimas de longo curso, resolvendo dar todo o apoio moral e nomeou um delegado para acompanhar a marcha do movimento e assistindo a várias sessões.

Apreciamos casos entre eles o da conferência Inter-Sindical a levar a efeito pela U. S. O.

Para tratar deste último caso volta a reunir a comissão administrativa, na próxima quarta-feira.

COMUNICAÇÕES

Operários barbeiros.—Em continuação de trabalhos reuniu a comissão interina que despachou para cobrança a cotização de Julho modelada no sistema confederal. Apreciei em seguida uma carta dos presos de São Julião da Barra, sendo resolvido delegar no secretário geral a missão de lhes responder.

A comissão deliberou mais, atendendo à precária situação dos mesmos, iniciar uma subscrição, a seu cargo, na área do Beato e Pogo do Bispo.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil—Conselho Federal.—São por este meio convidados todos os delegados desta Federação a reunirem amanhã, segunda-feira, às 20 horas.

Ordem de trabalhos é a seguinte: apreciar e tomar deliberações sobre a Secção Federal do Norte se encontrar demissionária.

Federação Mobiliária—Conselho Federal.—Para assuntos importantes reúne na próxima terça-feira. Sindicato da Construção Civil—Reúne amanhã, pelas 20 horas, o Conselho Administrativo em conjunto com os camaradas nomeados na última assembleia geral para fazerem partideste conselho.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa.—Para tratar de assuntos de alta importância para a classe é convocada a assembleia geral para o dia 15, pelas 19 horas.

União Têxtil.—Reúne novamente a assembleia na próxima terça-feira, para se apreciar um ofício da U. S. O., dois ofícios dos presos sociais e outros assuntos de alta importância, devendo portanto comparecer todos os sindicalistas.

Os mineiros de São Pedro da Cova

continuam mantendo uma firmeza admirável, embora as autoridades não cessem de perseguir.

PORTO, 12.—Os valentes mineiros de São Pedro da Cova prosseguem com a mesma inabalável firmeza no seu movimento grevista. Nem violência, nem subterfúgios tem conseguido abalar-lhes o moral, esbarrando todos os esforços dos adversários—industriais e autoridades—na rjeiza do seu ânimo, no seu inextinguível espírito de sacrifício, que fica matando, nas páginas dolorosas da história das lutas operárias, um alto e empolgante exemplo a seguir.

Entretanto as autoridades, que não perdem o menor ensejo de a burguesia demonstrarem o seu servilismo aos acossos, continuam perseguindo aciosamente os que se atrevem a rebelar-se contra a desumana exploração dos detentores das minas, cuja opulência tem sido amassada em suor, em lágrimas, em sangue.

Injustificadamente, acabam de ser presos em São Pedro da Cova os seguintes operários, contra os quais foram lançados, como de costume, estúpidas acusações: António Freire, Valentim Penitente, Firme Ferreira da Rocha, António Martins, Barnabé Oliveira Aguiar, António Moreira Cete, Félix das Neves, Marinho Ferreira e Belmiro Ribeiro.

Alguns dos presos são membros da comissão de demarques, pelo que os grevistas, reunidos em assembleia magna, depois de protestarem contra a inqualificável arbitrariedade resolveram que a comissão n.º 2 tome a direcção do movimento e trate de todos os assuntos a ele referentes, à excepção de demarques para a solução do conflito, que só podem ser realizadas pela comissão n.º 1, cujos membros se encontram a ferro.

Inacreditável no desejo de tyrannizar, as autoridades do concelho de Gondomar proibiram que em São Pedro da Cova se conservasse o delegado da C. G. T., Inácio dos Santos Viseu, que estava fazendo a escrituração das cozinhas comunistas. Esta infamíssima deliberação, só própria dos reuados tempos do absolutismo, indignou profundamente os mineiros, que resolveram instar junto da Delegação Confederal do Norte para que mantenha ali um seu delegado.

SECÇÃO TELEGRAFICA

C. G. T. SECÇÃO DE UNIÕES

Funchal.—União dos Sindicatos Operários. Vosso pedido segue primeiro vapor.

Federações

MOBILIÁRIA

PORTO.—Delegação Federal.—O vosso ofício vai ser presente ao próximo conselho federal. Enviem recibo da última importância recebida.

Teatro São Carlos

Telef. C. 5063

HOJE: único domingo

A CASA EM ORDEM

Magistral criação de

LUCILIA SIMÕES

Preços a qualquer hora do dia: 1.ª: 2\$00, 2.ª: 1\$50, 3.ª: 1\$00, 4.ª: 750, 5.ª: 500, 6.ª: 250, 7.ª: 125, 8.ª: 62, 9.ª: 31, 10.ª: 15, 11.ª: 7, 12.ª: 3, 13.ª: 1, 14.ª: 50, 15.ª: 25, 16.ª: 12, 17.ª: 6, 18.ª: 3, 19.ª: 1, 20.ª: 50, 21.ª: 25, 22.ª: 12, 23.ª: 6, 24.ª: 3, 25.ª: 1, 26.ª: 50, 27.ª: 25, 28.ª: 12, 29.ª: 6, 30.ª: 3, 31.ª: 1, 32.ª: 50, 33.ª: 25, 34.ª: 12, 35.ª: 6, 36.ª: 3, 37.ª: 1, 38.ª: 50, 39.ª: 25, 40.ª: 12, 41.ª: 6, 42.ª: 3, 43.ª: 1, 44.ª: 50, 45.ª: 25, 46.ª: 12, 47.ª: 6, 48.ª: 3, 49.ª: 1, 50.ª: 50, 51.ª: 25, 52.ª: 12, 53.ª: 6, 54.ª: 3, 55.ª: 1, 56.ª: 50, 57.ª: 25, 58.ª: 12, 59.ª: 6, 60.ª: 3, 61.ª: 1, 62.ª: 50, 63.ª: 25, 64.ª: 12, 65.ª: 6, 66.ª: 3, 67.ª: 1, 68.ª: 50, 69.ª: 25, 70.ª: 12, 71.ª: 6, 72.ª: 3, 73.ª: 1, 74.ª: 50, 75.ª: 25, 76.ª: 12, 77.ª: 6, 78.ª: 3, 79.ª: 1, 80.ª: 50, 81.ª: 25, 82.ª: 12, 83.ª: 6, 84.ª: 3, 85.ª: 1, 86.ª: 50, 87.ª: 25, 88.ª: 12, 89.ª: 6, 90.ª: 3, 91.ª: 1, 92.ª: 50, 93.ª: 25, 94.ª: 12, 95.ª: 6, 96.ª: 3, 97.ª: 1, 98.ª: 50, 99.ª: 25, 100.ª: 12, 101.ª: 6, 102.ª: 3, 103.ª: 1, 104.ª: 50, 105.ª: 25, 106.ª: 12, 107.ª: 6, 108.ª: 3, 109.ª: 1, 110.ª: 50, 111.ª: 25, 112.ª: 12, 113.ª: 6, 114.ª: 3, 115.ª: 1, 116.ª: 50, 117.ª: 25, 118.ª: 12, 119.ª: 6, 120.ª: 3, 121.ª: 1, 122.ª: 50, 123.ª: 25, 124.ª: 12, 125.ª: 6, 126.ª: 3, 127.ª: 1, 128.ª: 50, 129.ª: 25, 130.ª: 12, 131.ª: 6, 132.ª: 3, 133.ª: 1, 134.ª: 50, 135.ª: 25, 136.ª: 12, 137.ª: 6, 138.ª: 3, 139.ª: 1, 140.ª: 50, 141.ª

